



Elas são bolsistas de produtividade científica: entre as motivações e os desafios de mulheres cientistas de uma universidade pública do Centro- Oeste

They are scientific productivity fellows: between the motivations and challenges of women scientists at a public university in the Midwest

*Silvana Maria Bitencourt*¹
*Thainá Louise Pinheiro Oliveira*²

RESUMO

O artigo visa analisar a participação de quatro docentes bolsistas de produtividade científica (CNPq) de uma universidade pública do Centro-Oeste a fim de compreender as motivações e os desafios enfrentados por elas para construir suas carreiras científicas frente às desigualdades de gênero que a ciência tem historicamente apresentado para as mulheres.

PALAVRAS-CHAVES: Produtividade Científica (CNPq). Mulheres. Desigualdade de Gênero.

ABSTRACT

The article aims at the participation of four scientific productivity scholarship professors (CNPq) from a public university in the Midwest in order to understand how motivations and challenges they face to build their scientific careers in the face of gender inequalities that science has historically presented to women.

KEYWORDS: Productivity Scholar. Science. Women. Gender Inequality.

* * *

¹ Professora Adjunta IV do Departamento de Sociologia e Ciência Política da Universidade Federal do Mato Grosso (Campus Cuiabá) e do Programa de Pós Graduação em Sociologia da UFMT, possui graduação em Ciências Sociais (Licenciatura e Bacharelado/2001), Doutorado (2011) e Mestrado (2006) em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina, realizou estágio doutoral no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (Portugal em 2010). E-mail: silvanabitencourt@ufmt.br.

² UFMT. E-mail: thainalouisepinheiro@gmail.com

Introdução

A história da ciência foi apresentada através de pouquíssimos registros de produção científica feminina, e poucos são os exemplos que podem ser recuperados, nos quais a participação das mulheres começou a ser reconhecida, notadamente, a partir dos anos 1980 do século XX (LETA, 2003).

Autoras como Keller (1991:1996), Harding (1995), Haraway (1991), Schienbinger (2001), entre outras, analisaram a história da ciência problematizando a ausência das mulheres e as consequências da sua sub-representação nas instituições científicas e as contribuições dos movimentos feministas a fim de questionar e recuperar estas ausências narradas por pensadores homens.

Poucos são os episódios históricos da ciência em que a participação das mulheres foi reconhecida, pois, historicamente, o campo científico³ foi constituído como um espaço masculino (LOPES *et ali* 2004), portanto, o universo simbólico que permeia as práticas científicas opera a partir de uma ordem de gênero estabelecida mediante a dicotomia de gênero pautada na representação do masculino e feminino, assim como o ser homem e ser mulher a partir da divisão sexual do trabalho, esta que se evidenciou nas sociedades modernas hierarquias de posições entre os indivíduos por meio do referencial de supremacia branca, masculina e heteronormativa patriarcal. Sendo que esta ordem de gênero ditou as regras, as normas e as condutas cultivadas para se pertencer à determinada área de conhecimento. Nesse sentido, não existe ainda equilíbrio entre homens e mulheres por áreas de conhecimento, pois, quando se trata da presença feminina no campo científico, invariavelmente as mulheres se encontram em áreas relacionadas ao cuidado e à formação.

³Campo no sentido bourdiesiano, como locus de uma competição, no qual está em jogo, especificamente, o monopólio da autoridade científica, definida, de modo inseparável, como a capacidade técnica e o poder social, ou, de outra maneira, o monopólio da competência científica, no sentido da capacidade reconhecida socialmente de um agente falar e agir legitimamente em assuntos científicos (BOURDIEU, 1975).

Assim, ao longo da história Ocidental, virtualmente, elas foram excluídas do processo de criação científica, e as que adentraram ainda enfrentam resistências no acesso e na ascensão no campo científico (KELLER, 1991) e, quando se destacam em outras áreas de conhecimento, por exemplo, nas ciências exatas, a tendência é afirmar que assumem uma performance masculina como estratégia para se manter nestes ambientes.

Keller (1991), refletindo sobre gênero e ciência, destaca a associação de homens à objetividade e à masculinidade, logo, é certo afirmar que o pensamento científico é masculino. Nos registros de participação feminina na ciência, coloca-se a feminização como sinônimo de sentimentalismo, utilizando nomenclaturas como *Hard e Soft Sciences* para descrever em qual ciência devem se encaixar as mulheres. *Hard Science* é a ciência exata, a ciência dos fatos, e nela não cabe a participação feminina, pois não consegue objetivar o seu pensamento (KELLER, 1991).

Examinando a separação entre os gêneros na produção científica, percebe-se que há uma ordem de gênero na cultura Ocidental socialmente construída que contribui para associar a masculinidade ao pensamento lógico, objetivo, portanto, racional (KELLER, 1991). Desse modo, a feminilidade é vinculada a características afetivas, protetoras, logo, a profissões atreladas ao cuidado. Estas diferenças são resultado dos distintos processos de aprendizado emocional aos quais são submetidos na infância, quando os meninos são socializados, mesmo que inconscientemente, para dominar, e as meninas, para integrar (KELLER, 1991).

Leta (2003), ao analisar a participação de mulheres na ciência durante os séculos XV, XVI e XVII na Europa, anos marcados por uma efervescência científica, constata que poucas mulheres aristocráticas tinham acesso à educação formal e, conseqüentemente, à ciência, embora não participassem das discussões e das rodas dos prestigiados cientistas da época. A partir do século XVIII, Leta (2003) salienta que a situação pouco mudou, as mulheres que tinham acesso à atividade científica eram parentes de algum homem da

ciência, contudo, os trabalhos que realizavam eram vistos como de suporte na ciência, como: cuidar das coleções, limpar vidrarias, ilustrar e/ou traduzir os experimentos e textos.

Já o século XIX, que foi marcado por ganhos modestos no acesso de mulheres às atividades científicas, como a criação de colégios de mulheres, mesmo assim, elas ainda permaneciam às margens do fazer científico que cada vez se profissionalizava mais.

Ferreira et al., (2008), em sua análise histórica sobre a institucionalização da ciência no Brasil, parte do pressuposto de que a atividade científica pode ser tratada como uma profissão como as demais e considera que as diferenças entre homens e mulheres sejam similares àquelas observadas em outras profissões. Desse modo, tais diferenças resultam da interdependência entre as hierarquias sociais de gênero e do sistema de estratificação da ciência. Contudo, muitas cientistas mulheres tendem a assumir uma performance masculina, renegando particularidades femininas para não invalidar sua atuação no campo científico.

Sendo assim, mudanças efetivas no campo científico vão ocorrer apenas no século XX, com o advento das discussões feministas e das lutas por igualdade de gênero na ciência em diversas instituições científicas (BITENCOURT, 2011), que abriram, pouco a pouco, espaço às mulheres na carreira científica.

Schienbinger, em sua obra *O feminismo mudou a ciência?* (2001), irá questionar o fato da ciência que conhecemos ser excludente para com as mulheres e mesmo hoje, a partir de mudanças estruturais, podemos somar mais mulheres em carreiras científicas, mas estes desafios vivenciados pelas mulheres ainda não foram superados, logo, as desigualdades de gênero na ciência precisam ser discutidas e combatidas. Para Schienbinger (2001), a ciência moderna é um produto de centenas de anos de exclusão das mulheres, o processo de trazer mais mulheres para a ciência vai continuar exigindo profundas mudanças estruturais na cultura, nos métodos e no conteúdo da

ciência, pois não se deve esperar que as mulheres alegremente tenham êxito num empreendimento que, em suas origens, foi estruturado para excluí-las.

Ao longo da história Ocidental, o campo científico foi constituído como um espaço masculino e dentro do universo que permeia as práticas científicas existe uma dicotomia de gênero que desequilibra ainda mais a atuação de mulheres na ciência. No que concerne às áreas do conhecimento, existem as consideradas mais femininas e mais masculinas, sendo estas últimas com mais prestígio social. Traz-se a concepção de objetividade para justificar a predominância masculina em áreas como física, química, engenharias e, ao mesmo tempo, denomina-se como pautadas pela subjetividade as áreas de cuidado e formação, como a enfermagem, pedagogia e nutrição (KELLER, 1991). Quando se trata da presença feminina no campo científico, invariavelmente, as mulheres se encontram em áreas relacionadas ao cuidado e à formação, tendo sido virtualmente excluídas do processo de criação científica, e as que fazem parte desse universo enfrentam resistência à ascensão no meio científico.

O estigma da mulher cientista produtiva dentro do campo vem da concepção arcaica de que, para se destacarem neste meio, as mulheres renunciam aos aspectos pessoais de suas vidas, deixando de lado a maternidade e o casamento. Observa-se que as diferenças entre os sexos tendem a acumular desvantagens para as mulheres e vantagens para os homens (ROSSITER, 1993).

A emergência das análises feministas e de gênero na história da ciência nos últimos anos demonstra que, apesar de tendências recentes, a maior contribuição das mulheres no campo científico é em áreas tradicionalmente reconhecidas como masculinas (BITENCOURT, 2016), no entanto, ainda é possível verificar barreiras que minam o acesso e a permanência de mulheres em carreiras científicas, pois as estruturas são sustentadas a partir de relações de poder/saber que marcam a forma como o conhecimento científico

é produzido, prezando valores eurocêntricos de supremacia branca e masculina.

Partindo desta perspectiva, o presente artigo tem como objetivo analisar a participação de docentes bolsistas de produtividade científica (CNPq) de uma universidade pública do Centro-Oeste⁴ a fim de compreender as motivações e os desafios enfrentados por estas docentes na construção de suas carreiras científicas, frente às desigualdades de gênero que enfrentam para se manter enquanto bolsistas de produtividade científica.

A metodologia utilizada seguiu um modelo qualitativo, consistindo primeiramente em uma revisão bibliográfica acerca da participação das mulheres no campo científico e na realização de quatro entrevistas em profundidade com roteiro semiestruturado com professoras bolsistas de produtividade científica. Esta amostra foi definida a partir da lista de bolsistas-produtividade desta universidade, o contato inicial com as colaboradoras da pesquisa foi feito via e-mail, mediante as informações disponibilizadas nas páginas eletrônicas de cada Programa de Pós-Graduação desta universidade. Considerando que esta universidade, na época da coleta de dados, entre dezembro de 2019 e janeiro de 2020, tinha nove mulheres bolsistas de produtividade, sendo que destas contactadas para a entrevista, apenas quatro responderam ao e-mail enviado sobre este estudo. Por questões de agenda, algumas entrevistas tiveram que ser remarcaadas por diversas vezes, levando em consideração a rotina destas docentes e, também, o período que compreendeu o final de semestre e as férias de janeiro de 2020. Dentre as quatro entrevistas, uma delas foi realizada presencialmente, enquanto as outras três foram realizadas via *Skype*, com duração entre 40 minutos e uma hora. As entrevistas foram realizadas de forma semiestruturada, com base em roteiro pré-definido. Das quatro professoras bolsistas de produtividade

⁴O nome da instituição não será mencionado ao longo do texto por motivos éticos, a fim de preservar a identidade das pesquisadoras que fizeram parte da amostra, assim como os nomes das pesquisadoras será diferenciado a partir das letras do alfabeto arábico (A, B, C,D).

entrevistadas, todas eram casadas, com filhos, sendo das áreas das ciências da saúde (Biomedicina, Medicina Veterinária, Farmácia, Zootecnia).

O presente artigo foi dividido em duas partes, a primeira parte apresenta uma breve introdução sobre a participação feminina na história da ciência, buscando indicar estudos feministas que analisaram algumas especificidades sobre a ausência das mulheres na história da ciência; a segunda parte compreende a análise das entrevistas pelas quais abordamos os seguintes temas: as motivações das bolsistas de produtividade para ingressar na carreira científica; o cotidiano das mulheres bolsistas-produtividade científica, e o ser bolsista de produtividade e os efeitos na carreira das pesquisadoras, finalizando com algumas considerações.

1 As motivações das bolsistas de produtividade científica para ingressar na carreira

Analisar a participação de mulheres no campo científico brasileiro e a forma como tem ocorrido suas consolidações profissionais, especificamente nas universidades federais, perpassa uma contextualização de suas motivações pessoais que influenciaram seus investimentos em um projeto profissional pautado em ser professora universitária em uma universidade pública no Brasil. Considerando que 80% do conhecimento científico produzido no Brasil são produzidos dentro das universidades públicas, para ser cientista, precisa-se estabelecer um vínculo institucional permanente com esta instituição mediante um concurso público (LETA; MARTINS, 2008).

Conforme as entrevistadas, foi a partir da participação em projetos do Programa Institucional de Iniciação Científica (PIBIC), durante seus cursos de Graduação, que suas trajetórias na ciência feita na universidade começaram a se delimitar. No entanto, ao longo da construção de suas carreiras, à medida que participavam deste campo, começaram a perceber que suas participações na ciência eram permeadas por relações de

poder/saber, considerando que são mulheres brasileiras que carregam, em seus corpos/emoções, o peso de uma história patriarcal (SAFFIOTI, 1987; FEDERICI, 2017), sendo que a categoria gênero apresenta-se como apenas uma das relações de poder que muitas mulheres brasileiras precisam vivenciar em um contexto social de significativa desigualdade social, racismo e violências históricas, quando analisadas a partir da interseccionalidade (COLLINS; BILGE, 2021).

Sobre a motivação pela carreira científica iniciar com a experiência com a Iniciação Científica por meio do PIBIC, Bitencourt (2011) constatou, em sua pesquisa de doutorado sobre mulheres doutorandas de uma universidade do sul do Brasil que o PIBIC estimulava estudantes a construir o gosto pela atividade científica, assim como o contato com professoras(es) pesquisadoras(es) desde a Graduação motivava investir nesta carreira. Segundo a autora, “isso incentivou muitas a despertarem o interesse pela carreira científica” (p. 203). Conforme a pesquisadora A comentou,

Então, eu sou zootecnista, mas tenho mestrado em agronomia [...], meu doutorado é em agronomia também. Ai, entre a Graduação e a Pós-Graduação, eu tomei a decisão, como eu fui bolsista de Iniciação Científica desde o segundo semestre, no primeiro ano do curso, eu já peguei, fui contemplada com bolsa de Iniciação Científica (Pesquisadora A, 2020).

Durante os relatos sobre os motivos percebidos como os fios condutores iniciais para o ingresso da carreira científica, uma das pesquisadoras nos relatou que teve que conciliar maternidade e curso de Graduação, pois entrou o com um filho recém-nascido, contudo, afirma que não pretendia engravidar durante a Graduação, apenas quando terminasse a Pós-Graduação, mas ainda na Graduação ela teve seu segundo filho quando foi bolsista PIBIC. Nesse sentido, é importante salientar o que algumas pesquisas sobre maternidade e universidade já relataram, que a grande maioria das mulheres não planeja ser mãe durante a construção da carreira científica, no entanto, a gravidez acontece, e todas tendem a assumir e a conciliar a maternidade com o curso tanto na condição de graduanda, quanto pós-graduanda (BITENCOURT, 2011:2015:2019).

Já inseridas no Programa de Iniciação Científica e Projetos Acadêmicos durante o curso de Graduação, observa-se posteriormente que todas as entrevistadas em seguida ingressaram no Mestrado e, conseqüentemente, no Doutorado. No período de Mestrado, algumas delas saíram de suas cidades para realizar o curso em universidades maiores, o que representa um dos primeiros aspectos que aparecem na construção das carreiras destas mulheres, a adaptação não só em uma nova cultura universitária e, também, acadêmica, mas a experiência em estar em outro cenário social, longe dos familiares, portanto, sem rede de apoio.

Uma das entrevistadas relata a jornada percorrida durante a Graduação e o Mestrado, um deslocamento de mais de 50 quilômetros realizado todos os dias na ida e na volta. Tal esforço se tornou ainda mais representativo ao se considerar que ela deixava dois filhos em sua cidade de origem para se dedicar aos estudos. Nesse sentido, podemos perceber a importância da compra do trabalho de cuidado na contemporaneidade, quando este é realizado por outra mulher que contribui para a cientista construir a sua carreira. A pesquisadora A comenta que tinha uma babá que deixava na casa de seus pais com as crianças, confirmando a importância das redes de apoio para as mulheres que decidem pela atividade científica e a terceirização do trabalho de cuidado no contexto contemporâneo (HIRATA; KERGOAT, 2009).

Para estas mulheres, as oportunidades de trabalho e o desenvolvimento de suas pesquisas são relatados como imprescindíveis para o ingresso e para a permanência na carreira acadêmica. A oportunidade de a universidade pública oferecer a pesquisadora a possibilidade de fazer pesquisa é um fator positivo para estas mulheres, mas também se observa na fala da pesquisadora B que, para elas, é importante *“não ficar presa só à parte de lecionar”*, algo que outras pesquisas já comprovaram, que muitos pesquisadores não gostam de assumir algumas atividades na universidade, especialmente o trabalho de gestão e aulas nos cursos de Graduação (SANTOS, 2007). Logo, é importante

pontuar que, para ser pesquisador no Brasil, o serviço público te exigirá pesquisa, extensão e ensino (LETA; MARTINS, 2008).

A respeito do trabalho na universidade pública brasileira, este que é marcado pelo tripé “ensino, pesquisa e extensão”, observa-se, entre as docentes, que, no início, lecionar se mostrou como um desafio que elas deveriam transpor. Esta evidência pode ter ocorrido primeiramente pelo fato da própria representação do cientista estar vinculada ao trabalho realizado em laboratório (LATOURET, 1997, SCHIENBINGER, 2001) com suas equipes e sem a necessidade de vivenciar o processo de construção do conhecimento com os alunos. Contudo, para ministrar as aulas, estas mulheres passaram pelo processo de serem reconhecidas como “a professora”, portanto, aquela detentora do conhecimento que não apenas tem conteúdo, mas sabe construir coletivamente a partir de uma didática específica e metodologia e que necessita se relacionar, se expor, pois a prática docente envolve relações sociais, sendo assim, relações emocionais (TARDIF; RAYMOND, 2000; hooks, 2020). Nesse sentido, elas falam de uma insegurança, pois ser professora universitária não foi apresentado como o objetivo inicial de nenhuma das integrantes da amostra, apesar dessa visão mudar ao longo de seus relatos, logo, suas trajetórias apresentam uma narrativa que foi mudando a partir de suas experiências que marcam suas trajetórias profissionais. Conforme a pesquisadora A relata

Quando eu terminei o Doutorado, minha grande paixão era a pesquisa, eu acreditava que não fosse ser docente, não por não gostar, mas pelo fato de saber da responsabilidade. Para ser professor, tem que ser muito bem resolvido, tem que atingir um nível de maturidade muito alto, então, eu tinha um pouco de receio de como eu lidaria com isso (Pesquisadora A, 2020).

Conforme a pesquisadora A, a visão do “ser professora” e “ter que ensinar” também aparece como atributo pautado na “responsabilidade”, no “ser bem resolvido”, além da “maturidade”, com isso, podemos refletir esta preocupação da pesquisadora a partir da visão do cientista-professor

retratado por Max Weber no início do século XX. Para Weber (1982), o professor deve se apresentar como um sujeito bastante comprometido com a atividade científica, ter responsabilidade e princípios éticos com seus estudantes, pois, na sala de aula, deverá despertar, em seus estudantes, a criatividade científica e a reflexividade, jamais ser um doutrinador.

Contudo, ser professora também pode ser um destino não muito atrativo, principalmente quando muitos na família já são. A pesquisadora D afirma que não tinha interesse, pois, na família, já tinha muitos professores: “[...] *na verdade, eu nunca quis ser professora. Mas eu vim de uma família que só tem professores; jamais pensava*”. No entanto, a partir da experiência, as mulheres cientistas apresentam um discurso diferente, reafirmando os estudos sobre a prática docente que se faz a partir da experiência prática, porque, apesar de não terem inicialmente entrado na carreira científica com foco em docência, o que podemos observar nos relatos é que tais experiências complementam o fazer científico. Segundo elas, a carreira científica se mostra incompleta apenas dentro de um laboratório.

Esta necessidade de complementos para a carreira científica, que foi percebida na prática docente, por exemplo, podemos constatar a partir da fala de uma das entrevistadas, que percebeu que necessitava de estabelecer relações sociais na prática em sala de aula através de seu conhecimento para desenvolver suas pesquisas, estas que apenas no trabalho isolado no laboratório não seria suficiente. De acordo com a pesquisadora, “*a sala de aula é um lugar para “passar energia, conforto, não ter stress em sala de aula*” (Pesquisadora A, 2020). Constatamos que, a partir de experiências, estas mulheres vão reelaborando a visão sobre a docência, que de um desconhecido repugnante, passa a ser algo importante para o desenvolvimento de seus trabalhos científicos.

2 O cotidiano das mulheres bolsistas-produtividade da UFMT

Em relação ao cotidiano destas pesquisadoras, quando abordadas sobre o assunto do cotidiano, verificamos que é construído a partir da necessidade de conciliar vida familiar e profissional, incluindo neste último viagens, bancas, apresentações, entre outros. Algumas delas, inclusive, possuem cargos de gestão em seus departamentos na universidade, o que se torna mais uma demanda para estas mulheres.

Na conciliação entre maternidade e carreira, deve ser considerado que grande parte do trabalho reprodutivo ainda é realizado pelas mulheres, logo, estas tendem a ficar sobrecarregadas, pois não houve uma divisão do trabalho sexual de forma equitativa. Grande parte do trabalho de cuidado ainda é encargo que compete muito mais às mulheres do que aos homens (HIRATA, 2015). Dentre as pesquisadoras, todas possuem filhos e relataram como dividem seu tempo entre suas vidas pessoais e profissionais. De acordo com suas falas, podemos constatar que todas trabalham mais de 8h por dia, e mais de 40 horas semanais.

Eu acho que eu faço muito mais que 40 horas semanais, eu acho que eu não daria conta somente nas 40 horas. Mas também tem essa parte da família que é bem importante para mim, eu tenho filhos pequenos, então meu tempo em casa é bastante dedicado a eles (Pesquisadora B, 2019).

Contudo, elas também comentam a parte de sua vida profissional e o cuidado dos filhos, e, também, buscam ter uma “vida social” fora da universidade. Conforme a entrevistada pesquisadora B, ela procura ter uma vida social, apesar de trabalhar na universidade muitas horas.

[...], mas eu ainda tenho uma vida social, gosto de sair, de fazer coisas que não tem nada a ver com ciência, com universidade, inclusive ter grupos de amigos bem distantes da universidade. Mas eu acho que a universidade me toma mais que as 40 horas (Pesquisadora B, 2019).

Outras entrevistadas relataram sobre seus cotidianos, que começa cedo na universidade e que envolve estudantes, grupos de Iniciação Científica, alunos de Mestrado e Doutorado que estão inseridos nos seus projetos de

pesquisa. As pesquisadoras relatam que ficam praticamente o dia todo na universidade.

Uma das entrevistadas nos relatou ter colocado o trabalho como prioridade no início de sua carreira, o que fez com que ela não aproveitasse o desenvolvimento de sua filha mais velha. No entanto, ela considera que, com o amadurecimento, foi conseguindo diminuir o ritmo para estar mais presente com sua família. Mesmo assim, ressalta que leva trabalho para casa, logo, sua jornada de trabalho tende a ser estendida, algo que já foi constatado em outros estudos, que afirmam que a inserção das novas tecnologias também contribuiu para muitas pesquisadoras estenderem suas rotinas de trabalho para o ambiente familiar (BIANCHETTI; MACHADO, 2009, ARAUJO, 2006).

Chama a atenção a fala de uma das pesquisadoras pontuar que não precisaria desenvolver o trabalho de laboratório que faz devido à natureza de seu concurso contemplar apenas docência. Mesmo assim, ela afirma fazer questão do trabalho que desenvolve. Percebe-se que, não apenas neste caso específico, ser pesquisadora está enraizado nestas mulheres e que suas rotinas não seriam as mesmas sem o trabalho científico. Ao serem questionadas sobre a importância que a pesquisa tem em suas respectivas carreiras, elas afirmam que não se imaginam sem este trabalho.

Uma evidência constatada na maior parte das entrevistas é o fato de seus cônjuges também serem da área acadêmica. Dentre as integrantes da amostra, todas elas são casadas com homens inseridos no campo científico. Tal fato é relatado por elas como algo benéfico, pois, dessa forma, conseguem dividir suas rotinas e encontrar mais compreensão acerca do trabalho que desempenham e o tempo que gastam.

Os impasses em relação à vida pessoal e profissional surgem naturalmente ao longo das entrevistas, se entrelaçando com certa frequência, tendo em vista que, para estas mulheres, conciliar estes dois âmbitos sempre se apresentou como um desafio. Um dos questionamentos é a respeito de algum momento específico onde elas tiveram que escolher ou priorizar um

determinado aspecto, tema este que trouxe a elas reflexões sobre o uso do tempo e como conciliam carreira e maternidade.

As cientistas também destacam a pouca compreensão do fazer científico dentro da família, que não exatamente compreende o trabalho da pesquisadora. A entrevistada discorre sobre o fato de alguns de seus irmãos acharem que fazendo a Graduação a pessoa já se torna doutor.

Algumas evidências acerca do desconhecimento familiar sobre o que uma cientista faz também foram relatadas nos estudos de Araújo (2006) e Bitencourt (2011), assim como sobre a falta de diálogo entre os acadêmicos e não acadêmicos, podendo ser além dos parentes, maridos, filhos, ou os/as amigos/as, que dificilmente compreenderão os objetivos da atividade de pesquisa, considerando que o tempo para o trabalho acadêmico atualmente é pautado na política de produtividade, portanto, tem sido, na maioria das vezes, movido pela necessidade cumprir prazos, que, para serem cumpridos, muitas vezes, a pesquisadora abre mão de dormir e de descansar nos finais de semana e feriados, além do tempo de férias na universidade.

Sobre a maternidade, as quatro entrevistadas afirmam gostar de ser mães, que o fazer científico é muito presente em seus núcleos familiares, que seus filhos levam consigo a disciplina que observam nelas e, também, o orgulho que observam em seus filhos, que se fascinam com as suas respectivas atuações científicas.

3 Os desafios na construção da carreira científica

Ao serem questionadas sobre os obstáculos que enfrentaram na construção de suas carreiras, são relatados fatores de cunho pessoal e profissional, muitas vezes, interligados. Todavia, questões gênero somente aparecem em um relato entre as entrevistadas, surgindo nas outras entrevistas apenas quando alguma questão é inserida propositalmente.

Eu sou a décima filha de uma família do interior de Pernambuco, a caçula e única mulher, junto com nove irmãos. Eu brincava com as minhas bonecas vestidas de executiva, eu sabia que eu queria ser uma profissional. Então, ter que me expressar numa família com 10 homens, contando meu pai, no interior, com toda a cultura machista, e dizer que eu não queria me casar, porque a ideia era me casar, ir para capital e estudar, vê se pode? [...] Não que eles me proibiam, eu tive muito apoio, principalmente de minha mãe, ela falava uma coisa que serve, inclusive, para você: 'estude pra ter uma profissão e se casar, mas não por necessidade'. Minha mãe falava muito de igualdade, usar isso para ter igualdade, não ser superior. Eu casei cedo porque eu queria estudar (Pesquisadora A, 2020).

No relato acima, a pesquisadora A discorre sobre o fato de que, em sua família, era mais fácil encontrar aprovação do pai para o casamento do que para ir estudar na capital. Mesmo com a aprovação da mãe, ainda era difícil que ela fosse estudar em outra cidade. Ela e seu companheiro já visavam entrar na universidade, o que foi a principal motivação para o casamento. Estando casada, ela conseguiria ingressar no ensino superior sem os questionamentos de seu pai. Analisando uma decisão feita por uma das pesquisadoras entrevistadas, podemos perceber as relações de gênero que estas mulheres reproduzem a partir de suas ações e discursos, conforme a fala da pesquisadora C:

Acho que a vida trilha caminhos para nós e temos que saber trilhá-los. Eu, antes de estar nessa universidade, eu fui professora da UFMS, logo que voltei do meu Doutorado sanduíche, um dos motivos que voltei antes foi porque fui chamada para assumir vaga na UFMS, fruto de um concurso. Só que, na época, eu tinha uma filha de um ano de idade, e meu marido estava fazendo Doutorado em São Paulo; então, estava difícil conciliar carreira e família. Você, sozinha, num lugar longe, sem nenhum parente, com uma criança de um ano. Então, naquele momento, eu consegui outro emprego em São Paulo e pedi exoneração do cargo do concurso na UFMS. Fui embora para poder organizar a vida pessoal e profissional (Pesquisadora C, 2019).

Conforme o relato acima, podemos verificar como estas mulheres estão vinculadas a um ideal de casamento e família pautada no casal grávido, pois tudo deve ser decidido conjuntamente (SALEM, 1989). Mas também a decisão da pesquisadora pode escorregar em traços de uma cultura patriarcal, na qual

mulher sempre deverá “abrir mão de algo” em prol de sua família, já que ela tem sido historicamente a responsável pelo cuidado da família (SCHIENBINGER, 2001). Enquanto o homem pesquisador desfruta de determinados privilégios, que são demonstrados de forma clara no relato acima.

Um ponto em comum nos relatos das entrevistadas é sobre a conquista de espaço dentro de seus segmentos profissionais, seja devido ao campo ser restrito, seja dominado por homens, estas mulheres tiveram que galgar seus espaços independentemente destes fatores. O segredo de ganhar espaço, para uma pesquisadora, foi “*encontrar os pontos fracos de uma determinada área e se especializar nisso*” (Pesquisadora A, 2020), fazendo com que a pesquisadora seja necessária por estar em um ambiente que foge da zona de conforto de muitos de seus colegas.

Ao serem questionadas se consideram que existe desigualdade de gênero nas áreas que atuam como pesquisadoras, verificamos que as narrativas se dividem, metade delas (50%) reconhece a questão, enquanto outra parte tem ciência de que tal desigualdade existe, mas afirma não ver ou vivenciar tais problemas em suas áreas. Conforme as enunciações das mulheres entrevistadas, podemos perceber que as áreas de conhecimento podem influenciar, considerando que há uma segregação profissional que atua a partir de um simbólico pautado no gênero, que tem colocado as mulheres em carreiras profissionais mais vinculadas ao cuidado. Sendo que mulheres nas exatas, naturais e engenharias podem sofrer mais dificuldades de se inserir e permanecer no campo, considerando a cultura destas áreas terem como referência um discurso pautado em um comportamento reconhecido como culturalmente masculino, portanto, que os homens têm mais facilidade de incorporar (SCHIENBINGER, 2001)

Duas entrevistadas comentam que percebem que os homens conseguem mais bolsas de produtividade, mesmo que a questão de área de conhecimento deva ser considerada ao se falar na exclusão feminina na

ciência, além da questão do trabalho e da desigualdade das mulheres no mercado de trabalho merece ser destacado. Uma pesquisadora afirma que há um domínio masculino nos órgãos de fomentos, que tendem a ter mais projetos aprovados, logo, mais financiamento para pesquisa, assim como diz que também percebe que as mulheres, mesmo exercendo a mesma função, tendem a ganhar menos que os homens.

Quando questionadas ainda sobre os obstáculos, aparece a questão da infraestrutura para se trabalhar nessa universidade hoje, assim como o agravamento desta situação desde 2016. Ocorrem situações em que muitos projetos são aprovados, mas correm o risco de não serem executados devido a questões de infraestrutura.

Além de problemas vinculados à infraestrutura, que é justificada pela falta de recursos públicos que, nos últimos anos, indica que os pesquisadores/as brasileiros vinculados à universidade pública têm sofrido para fazer ciência, é importante salientar que a pandemia da covid-19 veio para intensificar ainda mais o negacionismo científico e o descaso com a educação pública a partir de reformas promovidas pela política neoliberal, Política, essa que toma a privatização, a responsabilização do indivíduo e alimenta o discurso de oportunidades iguais para todos/as para promover a igualdade social, não considerando as desigualdades sociais, raciais e de gênero, que o sujeito pode estar marcado para chegar a executar suas ações sem barreiras que afetam sua mobilidade nos diversos campos sociais (CAPONI,2020). Portanto, uma ciência cada vez mais individualista e destinada a um grupo seletivo de cientistas, sendo a grande maioria homem branco, detentor de capitais e com tempo para produzir sem estar em cargos ou comissões de trabalho ou ministrando aulas na Graduação, que demandam tempo e dedicação a outros, nesse caso, os alunos (hooks, 2020, ARAUJO, 2006).

4 Ser bolsista de produtividade e os efeitos na carreira das pesquisadoras

Ser bolsista de produtividade do CNPq, órgão que rege a produção científica no Brasil, compreende ter alta produtividade, pois é este o critério mais importante deste reconhecimento, que vai muito além do ganho financeiro. De fato, nenhuma das pesquisadoras leva em consideração o valor monetário da bolsa em seus relatos, mas, sim, seus impactos enquanto valor simbólico em suas áreas de atuação. Dentro de um universo de 56 bolsas de produtividade distribuídas para pesquisadores e pesquisadoras dessa universidade, apenas nove (09) são destinadas às mulheres, espalhadas nos diversos *campi* dessa universidade pública. Tal número causou espanto ao ser relatado durante as entrevistas, o que demonstra que elas próprias não têm dimensão da disparidade entre homens e mulheres pesquisadores na instituição que atuam como pesquisadoras.

A pergunta mais importante dentro desta temática é o que de fato mudou em suas carreiras a partir do reconhecimento da bolsa-produtividade. Segundo elas, a produtividade dentro do campo contribui para elas terem mais facilidade para transitar no contexto, elas têm mais força e um *quantum* de capital para interagir, nesse sentido, o valor do capital econômico da bolsa não é tão relevante, o que vale é o prestígio, o reconhecimento de ordem simbólica. Elas falam que, ao ingressar na carreira e terem certeza de que seriam pesquisadoras na universidade, traçaram metas para chegar a ser bolsista de produtividade, e a meta seria publicar muito e fazer uma equipe forte para chegar ao reconhecimento e poder competir com mais *quantum* de capital (BOURDIEU, 2004), participando de editais específicos.

Acerca dos impactos negativos ocorridos em decorrência da bolsa, quase todas discorrem sobre o aumento da carga de trabalho que surge em decorrência dela. O peso da bolsa-produtividade traz consigo uma carga de pressão muito grande, pois, a partir do momento que se galga esse reconhecimento, ele deve ser mantido. Isso implica, muitas vezes, um aumento na carga de trabalho das pesquisadoras. Em menor escala, foi

relatado em uma das entrevistas até uma descrença por parte de um dos colegas de universidade da pesquisadora, que questionou a lisura do processo de bolsa-produtividade, alegando existir motivações políticas por trás desse reconhecimento, logo, camuflando tal questionamento nas marcas da desigualdade de gênero que a história da ciência moderna se apresenta, argumentando e reproduzindo a ordem de uma sociedade patriarcal e heteronormativa e machista, no caso, a sociedade brasileira.

Quando questionadas a respeito do reconhecimento que recebem em relação à bolsa, as respostas também foram semelhantes, elas consideram que a bolsa mudou para melhor a forma como elas são vistas perante seus pares concorrentes, considerando que a universidade é compreendida por elas como de “periferia”, por estar no Centro-Oeste, com a consolidação de programas de Pós-Graduação muito tardio, se considerar o Sudeste e Sul, por exemplo.

Depois de 21 anos, eu fui eleita para a Sociedade Brasileira de Veterinária, é um grande reconhecimento do Brasil todo. Estamos aqui numa universidade da periferia, então isso para mim é sensacional, eu levar a universidade ao reconhecimento nacional (Pesquisadora D, 2019).

Em relação ao autocuidado destas pesquisadoras, considerando suas inúmeras atribuições, será que sobra tempo para cuidarem de si? A maioria delas diz não deixar de cuidar de si e consegue tempo para ir ao salão de beleza para cuidar das unhas e dos cabelos, algumas delas também se exercitam regularmente, cuidam da alimentação e todas se consultam com seus médicos com frequência adequada.

Quando questionadas sobre terem tirado alguma licença ao longo de suas carreiras, todas afirmam nunca terem tirado. E a respeito de problemas de saúde, apenas uma delas relata um episódio relacionado ao trabalho. Além disso, conta ter medo do que será sua vida ao pensar no futuro. Nesse sentido, é importante ressaltar que a pressão do trabalho declarada por elas não é comentada como algo que exerce influências em suas emoções e subjetividades, pois elas, quando questionadas sobre o autocuidado,

compreendem este como algo mais vinculado à aparência física, como ir ao salão para cuidar das unhas e dos cabelos, assim como ir ao médico e fazer exercícios e dieta, afirmando o discurso contemporâneo da qualidade de vida. Contudo, não verificamos, nas entrevistas, o uso de terapias por estas mulheres, trabalhando o bem-estar mental e emocional, prevenindo adoecimentos físicos e mentais, considerando que muitas doenças tendem a ser influenciadas pela política de produtividade incorporada a fim de se enquadrar na cultura científica contemporânea, pautada no publicar ou morrer (BIACHETTI; MACHADO, 2009, BITENCOURT, 2011).

Sobre questões de desigualdade de gênero e situações específicas e explícitas vivenciadas pelas pesquisadoras, verificamos que, apesar de terem consciência de que isso existe no campo científico, metade delas relata nunca ter vivenciado alguma situação e raramente viram acontecer no meio em que atuam. Existe uma consciência de que isto é um problema, porém, existe uma dificuldade em enxergar situações próximas a elas, mas que algumas vezes transparecem no discurso sem que elas percebam.

Às vezes a gente é excluída por alguns colegas, mas eu acho que aí não é por ser mulher. Já teve algumas situações que me senti excluída de alguma atividade, mas aí eu acho que não tem a ver com discriminação. Mas, sim, por talvez inveja, uma coisa que tem muito no âmbito da universidade. E às vezes percebo por algumas pessoas esse comportamento (Pesquisadora C 2019).

Uma delas relata que somente abriu os olhos para esta realidade ao ser contemplada nacionalmente por um prêmio exclusivo para mulheres cientistas. Percebemos que elas, muitas vezes, possuem tanto foco em suas produções que não observam situações de discriminação de gênero em suas áreas.

Falamos de uma universidade onde apenas 16% das bolsas-produtividade distribuídas por todos os três *campi* são destinadas a mulheres, questionar suas motivações e desafios cotidianos para lidar com a carreira se mostra extremamente relevante.

É esperado que questões como maternidade e autocuidado sejam questionadas a fim de não reproduzir uma postura sexista e machista que se centra na objetividade e na ausência de emoções. Historicamente, o lugar destinado às mulheres na sociedade é de cuidadora e responsável afetiva. Não obstante, tais características são rechaçadas no mercado de trabalho, que espera delas uma performance masculina, muitas vezes, reproduzida inconscientemente.

Ao longo das entrevistas, tornou-se evidente o quanto as desigualdades de gênero ainda não são debatidas em campo científico, sendo que, muitas vezes, as entrevistadas não conseguem ao menos reconhecer situações cotidianas de discriminação de gênero e racial, apesar de saberem que tais situações existem.

Dentre as entrevistadas, todas com alta produção científica, observa-se que diversos argumentos por elas apresentados se entrelaçam, como a questão da maternidade, conciliar o tempo na universidade e com a família, os desafios e o trabalho necessário para manter seus níveis de produtividade, dentre outros desafios com a universidade de modo geral.

Pode-se perceber, de maneira geral, que elas galgaram seus espaços independentemente dos empecilhos encontrados ao longo de suas vidas. Seus relatos trazem à tona uma dimensão do que é ser mulher e cientista no Brasil e, especificamente, em uma universidade de periferia. Tem-se aqui uma universidade relativamente nova, com Pós-Graduação desenvolvida tardiamente, ainda buscando maior reconhecimento em seus programas de Pós-Graduação, o que torna ainda mais significativa a colaboração destas mulheres neste estudo para saber o que acontece na periferia e quem é que se destaca aqui.

A bagagem trazida por elas, amplamente reconhecidas no meio em que atuam, é estímulo e exemplo para as novas gerações de cientistas no Centro-Oeste, tão poucas ainda. Mas este estudo também nos mostra o quanto é necessário diminuir a disparidade nos números de homens e mulheres no

campo científico, assim como promovermos políticas públicas de inclusão para meninas nas ciências e trazer a interseccionalidade a fim de verificarmos quais as práticas que os agentes sociais precisam incorporar e promover para que ocorram mudanças nas desigualdades sociais, de gênero e raciais que movem a seleção nestes redutos de poder/saber masculino, de supremacia branca, infelizmente.

Referências

ARAÚJO, Emília Rodrigues. *O doutoramento: a odisséia de uma fase de vida*. Lisboa: Colibri, 2006.

BITENCOURT, Silvana Maria. *Candidatas à ciência: A compreensão da maternidade na fase do doutorado*. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política (Doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2011. 344p.

BITENCOURT, Silvana Maria. *Existe o outro lado do rio?: um debate sobre educação, gênero e engenharia*. Curitiba: Appris, 2016.

Bitencourt, Silvana Maria. Os efeitos da política de produtividade para as novas gerações de acadêmicas na fase do doutorado. *Estudos de Sociologia, 1937*, 2015, p.451-468

BITENCOURT, Silvana Maria. A maternidade para um cuidado de si: desafios para a construção da equidade de gênero”. *Revista Estudos de Sociologia, V. 24, No. 47*, p. 261-281, 2019.

BOURDIEU, Pierre. The specificity of the scientific field an social conditions of the progress of reason. *Social Science Information, London*, v.14, n.6, p.19-47, 1975.

BOURDIEU, Pierre. *Para uma sociologia da ciência*. Lisboa: Edições, v. 70, p. 15-56, 2004.

CAPONI, Sandra. Covid-19 no Brasil: entre o negacionismo e a razão neoliberal. *Estudos Avançados*. 34 (99), p. 209-223, 2020.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. São Paulo: Boitempo, 2021.

FABBRO, Márcia Regina Cangiani. *Mulher e trabalho: problematizando o trabalho acadêmico e a maternidade*. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006. 366f.

FEDERICI, Silvia. *O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista*. São Paulo: Elefante, 2019.

FERREIRA, Luiz Otavio; AZEVEDO, Nara; GUEDES, Moema; CORTES, Bianca. Institucionalização científica das ciências, sistemas de gênero e produção científica no Brasil (1939-1969). *História, Ciências, Saúde: Manguinhos*. v.1, n.1 (jun- out-1994). Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz, 2008. p.43-96

FERREIRA, Rosilda Arruda. *A pesquisa científica nas ciências sociais: caracterização e procedimentos*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1999.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminino e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu* (5), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu/ Unicamp, 1995.

HARDING, Sandra. *Whose Science Whose Knowledge? Thinking from Women's lives*. Ithaca, Cornell University Press, 1991.

hooks, bell. *Ensinando a comunidade: uma pedagogia da esperança*. São Paulo, 2021.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Daniëlle. Os paradigmas sociológicos à luz das categorias de sexo: qual a renovação da epistemologia do trabalho? In: S. BAÇAL (org). *Trabalho, educação, empregabilidade e gênero*, Manaus, EDUA (Editora da Universidade Federal do Amazonas), 2009, p. 173-189.

KELLER, Evelyn Fox. O Paradoxo da subjetividade científica. In: SCHNITMAN, Dora Fried. (Org.). *Novos Paradigmas, cultura e subjetividade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p.93-117.

KELLER, Evelyn Fox. *Reflexiones sobre género y ciencia*. Valencia: Ed. Alfons el Magnànim, 1991.

LATOUR, Bruno. *A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997.

LETA, Jacqueline. As mulheres na ciência brasileira: crescimento, contrastes e um perfil de sucesso. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 17, n.49, p.271-284, 2003.

LETA, Jaqueline; MARTINS, Flávio. Docentes pesquisadores na UFRJ: O capital científico de mulheres e homens. In: *Simpósio gênero e indicadores da educação superior brasileira*. Brasília- DF, 6 e 7 de dezembro de 2007. Comissão organizadora: Dilvo Ristoff. (et al). Brasília: Instituto Nacional de Estudos e pesquisas educacionais Anísio Teixeira, 2008. p.85-101.

LOPES, Maria Margareth; SOUSA, Lia Gomes Pinto; SOMBRIO, Mariana Moraes de Oliveira. A Construção da invisibilidade das mulheres nas ciências: a exemplaridade de Bertha Maria Julia Lutz (1894-1976). *Gênero*. V. 5, n. 1, p. 97-109, Niterói, 2004.

ROSSITER, Margareth. The Matthew matilda effect in science. *Social Studies of Science*. London, v.23, n.2, p.325-341, 1993.

SANTOS, Gina Maria Gaio. *O desenvolvimento de carreira dos acadêmicos: uma análise centrada na relação entre o trabalho e a família*. 451f. Tese (doutorado em organização e políticas empresariais). Universidade do Minho. Escola de Economia e Gestão. Braga, 2007b.

SCHIENBINGER, Londa. *O feminismo mudou a ciência*. Bauru: Edusc, 2001.

TARDIF, Maurice; RAYMOND, Danielle. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. *Educação & Sociedade*, ano XXI, no 73, dezembro/2000.

WEBER, Max. A ciência como vocação. In: ----- . *Ensaio de Sociologia*. 5 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1982, p. 154-183.

Recebido em janeiro de 2023.
Aprovado em fevereiro de 2023.